

Boletim Informativo

7

Identities Coletivas, Conflitos Territoriais e Educação Emancipatória no Sul do Brasil

Cartografia Social do Povo dos Peraus: Guardiões da Natureza e dos Parques



"O Povo dos Peraus estão morrendo aos poucos, desde que foi criado o parque. Eles foram sufocando a gente, foram sufocando, sufocando assim, apertando. Porque, de repente, não ter aonde ir. Eu não aguento mais!"
(Edira Klippel, 65 anos)."



Eraldo Klippel, fazendo a lida do gado na beira do perau (ao fundo cerração subindo)



4ª Oficina de Mapas - 04 e 05 de julho de 2024



Mutirão para construção da ponte Rio Camisa - 1939

Este boletim, denominado "Povo dos Peraus Guardiões da Natureza e dos Parques" resulta de pesquisa etnográfica realizada pelo Grupo de Pesquisa Identidades Coletivas, Conflitos Territoriais e Educação Emancipatória no Sul do Brasil (UFPR, UDESC e IFPR) com apoio do Núcleo de Defesa de Direitos de Povos e Comunidades Tradicionais, no âmbito do projeto de extensão NUPOVOS (IFPR). No âmbito regional o projeto contou com a parceria do Comitê dos Povos e Comunidades Tradicionais do Pampa e com o apoio da Fundação Luterana de Diaconia (FLD).

A investigação teve início após solicitação do Povo dos Peraus – grupo étnico atingido pelos Parques Nacionais da Serra Geral e Aparados da Serra – dada iminência de despejo, anunciado em 2023. Situados no município gaúcho de Cambará do Sul, na divisa com Santa Catarina, os conflitos com ambas as unidades de conservação de proteção integral já completam mais de 60 anos e atinge também uma comunidade



Fonte: Oficina de Mapas: 22 e 23/02/2024.

quilombola (Pedra Branca/São Roque). Conhecido também como cartografia social, o registro dos dados e o procedimento de pesquisa passa pelo reconhecimento das formas tradicionais de uso dos recursos naturais, conexas a denominada "lida campeira", mas assinalam sua condição de grupo étnico em função das históricas ameaças e constantes ataques promovidos por órgãos ambientais gestores das respectivas unidades de conservação, desde a década de 1960, e concorrem para aniquilar às expressões socioculturais manifestadas pelos Povos dos Peraus.

Catologação na Fonte

Boletim Informativo Identidades Coletivas, Conflitos Territoriais e Educação Emancipatória no Sul do Brasil - Cartografia Social do Povo Dos Peraus: guardiões da natureza e dos Parques. Projeto PIDH/PROEPP/IFPR Núcleo de Defesa de Direitos de Povos e Comunidades Tradicionais (NUPOVOS). Coordenação técnica: Prof. Roberto Martins de Souza- Paranaguá IFPR, 2024. 20 p. il.

Anual - ISSN 2318 7506.

Conflitos Territoriais - Sul do Brasil - Periódicos. Projeto PIDH/IFPR. II. Souza, Roberto Martins de, et. alli.

Expediente

Coordenação: Associação do Morro Agudo e Comissão do Povo dos Peraus.

Coordenação Técnica de Pesquisa: Roberto Martins de Souza (IFPR), Marcelo Cunha Varella (UFPR) e Letícia Ayumi Duarte (UFPR), grupo de pesquisa Identidades Coletivas, Conflitos Territoriais e Educação Emancipatória no Sul do Brasil e Núcleo de Defesa de Direitos de Povos e Comunidades Tradicionais (NUPOVOS).

Equipe de Pesquisa: Eraldo Klipel, Maribel Edira Klipel da Silva, Acilênio José de Lima, Sirlene Klipel Fernandes, Antônio Jarbas Pereira, Margarene Klipel, Urquiza Tadeu de Oliveira, Aurélio Lima, Zenilda Nunes da Silveira, Ernande Matos Fernandes, Marli José de Lima, Jureni de Lima, Tania Fernandes Borges, Ana Caroline Klipel, Alessandra Klipel da Silva, Antônio Rodrigues da Silva, Adriano Prates, Alencar Borges, Julia Fernandes Prates, Neri Dama, Albertina Dama, Dalmei Lima, Loeni Borges Klipel, Abedilho Nunes, Abenor Nunes, Margarete Eroni Klipel Fernandes, Renato Nunes da Silva, Maria Zeli Rodrigues, Gilmar Borges, Angelino Martins, Dirceu Dama, Maria Jurema de Oliveira.

Apoiadores: Neimar Fonseca e Camila Trindade Prestes (Emater Cambará do Sul/RS), Márcio Neske (UERGS), Nelson Baldasso (Emater/RS), Fernando Aristimunho (FLD e Comitê do Pampa), Juliana Mazurana (FLD), Rose Winter (Comitê do Pampa), Fábio Aldabó Schüür, (Secretaria Municipal de Agricultura e Pecuária de Cambará do Sul), Paróquia São José - Cambará do sul, Comunidades Quilombolas de São Roque (Mampituba/Praia Grande), Núcleo Familiar Cullung Vietcha Teie do Povo Xocleang, Núcleo Familiar Arnildo Verá Moreira do Povo Guarani Mbya, Núcleo Familiar Mauricio Salvador do Povo Kaingang, Chirca (Rosário do Sul) e Ibicuí da Armada (Livramento), Dailor Sartori Jr. e Áurea Julia Braga (FLD - Programa COMIN de Defesa de Direitos).

Fotografias: Fernando Aristimunho, Letícia Ayumi Duarte e Roberto Martins de Souza, acervo do Povo dos Peraus, acervo EMATER, Márcio Neske.

Cartografia e vetorização: Marcelo Cunha Varella, Letícia Ayumi Duarte, Neimar Fonseca.

Diagramação: Luiza Izabel Marcelino de Sousa e Letícia Ayumi Duarte.

A Insurgência dos Povos dos Peraus: uma nova identidade étnica e coletiva?

A unidade social objeto desta cartografia social, designada na qualidade de comunidade tradicional, é composta de agentes que se autodenominam e são vistos como Povo dos Peraus, cuja identidade foi construída politicamente, nas últimas décadas, a partir de um processo de mobilizações consecutivas contrapondo-se aos efeitos da criação dos Parques Nacionais de Aparados da Serra e Serra Geral desde a década de 1960. Historicamente trata-se de uma categoria identitária, formalmente designada de pecuaristas de base familiar, que foi submetida a sucessivos impactos e transformações sociais provocadas pela criação de unidades de conservação de proteção integral. Enquanto tal é resultante de inúmeras ocorrências de conflitos com aparatos ambientais do Estado (IBDF, IBAMA e ICMBIO) que lhes impôs a interdição das formas de manejo tradicional das pastagens, bem como o cultivo de lavouras e extração de recursos naturais, usurpando seus direitos territoriais. Por consequência, suas práticas tradicionais passaram à proibição, na qualidade de delitos ambientais sujeitos à multas e desocupação da área. Do ponto de vista dos planejadores oficiais constituíam grupos sociais passíveis de serem deslocados compulsoriamente mediante “indenizações”. Em contraposição a estas ações governamentais de longo prazo, tais agentes passaram por diversos processos de reorganização social e territorial até se autodeclararem Povo dos Peraus, ou seja, segundo uma existência coletiva, descrevendo uma ação de resistência constante, sob formas político-organizativas específicas, qual seja, a “Comissão do Povo dos Peraus Atingidos pelos Parques Nacionais”. Em agosto de 2022, a Comissão solicitou, via carta enviada por e-mail, apoio na realização de um fascículo da cartografia social, contendo preocupações relativas ao temor de desocupação forçada do seu território, em função da iminência de

Ao Núcleo de Defesa de Direitos dos Povos e Comunidades Tradicionais (NUPOVOS) do Instituto Federal do Paraná (IFPR)
Prof. Roberto Martins de Souza

Nós somos o Povo dos Peraus, somos moradores tradicionais dos Parque Nacionais do Aparados da Serra e da Serra Geral há várias gerações. Temos nossa história relacionada com o movimento do tropeirismo e vivemos em áreas próximas das bordas dos canyons Fortaleza e Itaimbezinho, que fazem a divisa entre Santa Catarina e Rio Grande do Sul, no município de Cambará do Sul.

Somos parte de um grupo de muitas famílias que residiram nessa região, mas que foram ao longo das décadas sendo obrigadas a deixar esse território devido à regularização fundiária dos parques nacionais. Esses processos foram bastante controversos e cheios de injustiças, sendo que algumas famílias que saíram não terminaram de receber a indenização prometida.

As famílias que restaram morando ainda na área das unidades de conservação são apenas 8. Mas estamos ameaçados de expulsão, acusados de que nossos ancestrais receberam pagamentos pelas áreas no início da década de 1960. Mas nós não reconhecemos isso e não há provas disso nos processos judiciais.

Apenas em 2019 começamos a conhecer as discussões e leis sobre populações tradicionais. Nos reconhecemos como um grupo social que tem uma cultura diferente do resto da sociedade, mesmo aqui na nossa região. Mantemos um modo de vida de lide campeira, ajudando a conservar a natureza dos campos e matas de Pinheiros. Uma natureza da qual somos parte!

Ainda que alguns servidores do ICMBio estejam nos apoiando, estamos enfrentando dificuldades para que essa instituição nos reconheça como população tradicional e celebre conosco um termo de compromisso que temos direito de acordo com a lei.

Conhecemos o trabalho da Cartografia Social de outros povos e comunidades tradicionais do Brasil e achamos que ela pode ser muito importante para a nossa luta. Foi com Alegria que recebemos a notícia de que esse núcleo é capacitado para aplicar essa metodologia e que foi sensível a nossa história. Assim gostaríamos de solicitar que vocês fizessem a nossa cartografia, a Cartografia Social do Povo dos Peraus.

Estamos dispostos a fazer o que for necessário para apoiá-los e recebê-los, tão breve quanto possível.

Encaminhamos em anexo o manifesto que escrevemos com a nossa autodeclaração como comunidades tradicionais. Estamos disponíveis para prestar qualquer esclarecimento adicional vocês serão muito bem-vindos e ficarão encantados com a beleza do nosso território e da nossa cultura.

Muito obrigada

Maribel Edira Klipel da Silva

Assina representantes dos Povos dos Peraus reunidos no dia 24 de agosto de 2023

decisões judiciais, como as que levaram ao arresto de bens (gado) em setembro do mesmo ano, bem como pressão psicológica para desistência de práticas tradicionais ainda restantes, como a sapeca do campo, o que inviabilizaria gravemente a existência coletiva do grupo. Em novembro do mesmo ano iniciamos o levantamento de informações históricas, cartográficas e contextuais, consoante a realização de 5 “oficinas de mapas”, realizadas de modo intercalado (16 e 17 de novembro de 2023; 22 e 23 de fevereiro de 2024; 25 e 26 de abril de 2024; 04 e 05 de julho de 2024 e 14 e 15 de agosto de 2024). Nesse período, que alcançou 9 meses, foram colhidas, selecionadas e ordenadas amostras da prática discursiva do Povo dos Peraus atingidos

pelos Parques Nacionais de Aparados da Serra e Serra Geral, com a finalidade de serem comparadas, tendo por referência a realidade concreta observada em campo e disponibilizada em inúmeros depoimentos dos membros do grupo em destaque. Na preparação das oficinas, foram obtidas imagens de satélite, identificadas áreas de uso e ocupação – geradoras da delimitação do território –, situações históricas e atuais de conflitos de uso, incursões em campo para levantamento e confirmação dos dados, elaboração de legendas, sistematização dos depoimentos e imagens, além de definições gráficas.

Após esse tempo, apresentamos essa síntese que tem por objetivo colaborar com a produção do senso crítico acerca da marginalização imposta a custo do sofrimento social e impactos culturais e ambientais a grupos atingidos pelas unidades de conservação planejadas e gestadas (plano de manejo) desde uma lógica racista que se utiliza do desprezo e negação da existência de grupos sociais e suas formas de manejo tradicional em consonância com a conservação da natureza.

Somos Povos Tradicionais dos Peraus



Fonte: Família Marli, Década de 1960

São um povo tradicional nascido aqui, que tem seu legado nos antepassados. O Povo dos Peraus que eu me lembro (existe) tem toda minha idade. Sempre convivendo aí. Mas como povo tradicional (reconhecido) foi desde 2019 **(Urquiza Tadeu de Oliveira, 66 anos)**.

E a gente tem um amor próprio por isso aqui. Os nossos pais morreram nessa luta, né? Resistindo às pressões do Parque. E a gente continua nessa, né? Nós não somos assim aquelas pessoas que estão se infiltrando no Parque para tomar posse. No caso, o parque, que está tentando tirar uma coisa que quando nasceu o Parque, nós já estava aqui **(Aclênio José de Lima, 66 anos)**.

A borda do canyon nós chamamos de Costa, porque quando venta no litoral, muito próximo a nós aqui é chamado Nordeste. Quando ele chega nos

campos de cima da serra, ele troca de nome. E ele vem, o vento da costa, por isso povo costeano, que é o Povo dos Peraus. Antes era chamado Povo Costeano, não é? Da borda dos peraus. Então só mudou a nomenclatura. Porém, a tradicionalidade não mudou absolutamente nada **(Aurélio Lima, 55 anos)**.

Vim de tradições antigas do pai e dos meus avós e estamos nessa luta que precisamos que nós permaneça em nossas propriedades. O que nos faz diferentes é a criação do parque sobre nós. Somos Povo dos Peraus por causa do Itaimbezinho **(Urquiza Tadeu de Oliveira, 66 anos)**.

O Povo dos Peraus é um povo que nasceu ali, se criou ali, são pais, irmãos, minha neta, hoje está ali. Então, o Povo dos Peraus é aquela raiz que nasceu ali, se criaram ali, viveram dali, tirando o sustento dali. E estão aqui hoje, lutando por uma terra. É uma luta incansável, é uma luta assim que eu não sei onde vai dar. Mas que eu não tenho desânimo, entende? Quando me dizes assim: a gente precisar ir à Brasília. Eu vou! **(Edira Klipel, 65 anos)**.

Eu digo que é Povo dos Peraus, porque nós nascemo e se criemo e vivemo em cima dos peraus, que a parte dos peraus lá onde eu tenho minha área é perto, aqui onde é do

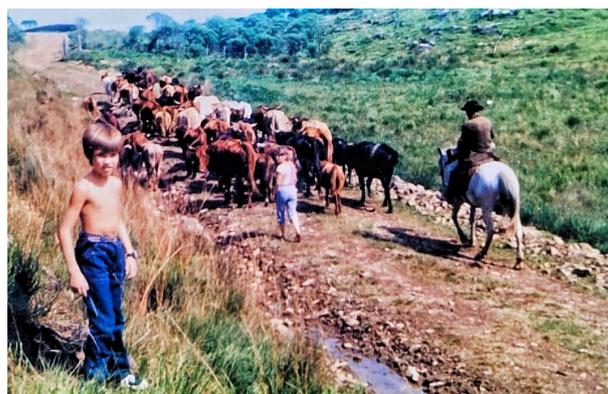
"Os nossos pais
morreram nessa
luta, né?
Resistindo às
pressões do
parque"

Itaimbezinho. E todo mundo viveu aí, todos viveram aí. Fazendo o queijo, vendendo queijo, vendendo pinhão, criando porco. Tudo vivia em cima disso aí. E a nossa tradição seria essa. Com tropa de cargueiro, de burro, para carregar as coisas. Tudo era vivido dessa maneira. Aonde que tinha alguns que era os tropeiros de gado. Geralmente, aqui para nós, era aquele que vinha aqui e comprava o gado e levava para Santa Catarina. Os daqui mesmo, daqui de dentro desse terreno, que é do Itaimbezinho, era gente que comprava o boi, vaca, gado pra levar pra lá. Mas vivia daqui. Todos viviam daqui. Faziam os queijos e levavam os cargueiros para vender. Era Torres, era Criciúma, era para aquela região que ia pra tudo. E aí eles tiravam a renda daqui. Outros faziam o charque e levavam o charque para vender lá. Vendiam o charque lá para colonada, lá em Santa Catarina e traziam outras mercadorias. Tinha 8, 10, 12 anos. O meu bisavô tinha 30 burros de cargueiro. Então ele mandava peonada buscar as mercadorias aqui em Praia Grande, Araranguá. Aqui trazia a tropa carregada e passava por aqui, ó, nessa estrada aí **(Jarbas Pereira, 72 anos)**.

O Povo dos Peraus somos nós que temos conflito com o ICMBio, que nós vivenciamos desde a época do meu pai e da minha mãe. A gente sempre viveu lá, e se criou. E a gente cultivou

aquilo que meu pai e minha mãe nos ensinaram, que ali é o nosso território, que ali a gente tinha que respeitar as pessoas. Então são pessoas que nos orgulham de nós ser um povo que cultua a tradição dele, com serenata, com festas, com rodeios de laço e com o gado que gente criava lá e cria até hoje. Na época nós tinha porcos, nós tinha ovelha (...) mas hoje nós cria gado e tamo lá resistindo a pressão do ICMBio que tem muitos que pressionam pra gente sair, mas a gente é forte e vai conseguir ficar lá e permanecer como povos tradicionais, no nosso território **(Margarene Klipel, 67 anos)**.

"O Povo dos Peraus somos nós que temos conflito com o ICMBio"



Fonte: Arquivos Família Marçal, Tropeada. Década de 1970

Ser Povo dos Peraus é uma bandeira, né? Que daí tu tem um nome, tu tem um registro, onde diz, o Povo dos Peraus existem. Então partiu por isso, porque daí só uma família se movimentar é o mesmo que nada, né? Então, onde nós se unimo em todas as famílias que ainda tem propriedade.

Daí forma uma comissão. Uma associação, daí onde nós fortaleceu. Uma ajuda de vocês, de outros órgãos, que nos ensinou os caminho certo, porque antigamente nós tava praticamente cego, né? Não sabia o que fazia pra se defender **(Eraldo Klipel, 65 anos)**.



Fonte: Eroni Klippel e seu quintal de produção de alimentos e chás 22/02/2024.

O Povo dos Peraus são o povo que trazem seu costume, o passado e o presente. Conservamos ainda muitos costumes. A comunidade em geral, a amizade, o companheirismo, o artesanato que a gente mantém, a vida campeira... Isso tudo pra nós é uma coisa que não poderia terminar. Senão termina a história do lugar. Do tropeiro, dos costumes de antigamente. Tudo isso a gente traz para os filhos da gente também. E minha filha que adora também esses costumes **(Sirlene Klipel Fernandes, 43 anos)**.

"O Povo dos Peraus são o povo que trazem seu costume, o passado e o presente"



Fonte: Arquivo família Fernandes - Saída para a tropeada. 1968.

O Povo dos Peraus, no meu entendimento, são as pessoas que tem as raízes na terra. Que a terra já era dos pais deles, que já morreram e que ficaram na terra e tão até hoje lutando pra não sair da terra. Porque é muita injustiça eles querer tirar a terra da gente a troco de nada. Entrega a terra e sai, conforme não dá

nem pra comprar um lote na cidade, com o valor que eles pagam. E a gente não tem a terra pra vender. Pode oferecer um valor alto que a gente não quer vender. A gente tem um amor pela terra. É uma vida aqui **(Aclênio José de Lima, 66 anos)**.

O Povo dos Peraus, na verdade é uma comunidade como um todo, não é que tem um no seu território, que vivem em suas propriedades aí há aproximadamente há 200 anos, isto já está devidamente comprovado. Muitas das famílias estão aqui, né? Somos descendentes destas famílias,

que é o meu caso, é do meu tataravô, do meu bisavô, do meu avô, dos meus pais, e hoje somos nós. Então essa denominação, Povo dos Peraus. Primeiro que os peraus estão aqui e nós estamos nas bordas dos peraus. Para nós, a palavra perau é uma palavra, que vem da origem indígena e que a gente preserva até hoje essa cultura. Ela é uma cultura, como eu lhe disse, de 2 séculos para mais, e tem, como qualquer outro território, a sua tipicidade, a sua maneira de viver. A produção, o seu sistema nas lidas de campo, tecendo lã, criação de ovelhas, e este, pra mim, é um povo tradicional dos peraus **(Aurélio Lima, 55 anos)**.



Fonte: Família Klipel. Maria de Souza Klipel. Década de 1970.

A gente sentiu uma necessidade de montar um grupo com os últimos moradores, para nós ter direito, né? Porque antes a gente só tinha deveres. Tinha que obedecer às ordens que o ICMBio dava. E muitas vezes multado, restringindo até às vezes entrar para cima do que era nosso. Daí foi aonde surgiu esse nome: Povo dos Peraus. A gente sempre foi Povo dos Peraus, mas o nome foi colocado agora. Mas a gente sempre foi **(Eraldo Klipel, 65 anos)**.

A luta que eu acho que foi muito grande, que a gente conseguiu foi a energia. Isso foi uma das lutas assim que foi. Vai fazer um ano em março. Depois, e mesmo assim o Nando ainda pagou a multa. Mas assim como a gente mora lá no centro, ali. Quantas vezes foi pedida a ligação, várias vezes. **(Edira Klipel, 65 anos)**.



Fonte: Expedição no território - Propriedade da família Borges - 22/02/2024

Os conflitos nascem com o Parque: nossa luta é pelo direito ao território

Na verdade, nós nascemo e se criemo ali na porta do perau. O pai sempre dizia perau, perau e ponto. Então a gente nasceu, se crio, vivencio, a vida inteira aqui no perau que é o Itaimbezinho, que é o perau nosso, que a gente denomina. O que nos diferencia de outros lugares é que aqui tudo é natural. Não se planta capim pra cuidar do gado, é tudo natural que vem da terra e nunca se mexeu na terra. A gente faz a lavoura, tem galpão, tem a casa. Hoje nós temos luz, com muito sacrifício, que foi muito tempo batalhado. Agora faz 7 meses (2023) que temos luz no nosso território. Estudemo aqui perto quando era criança. Sou da família Klipel, Povo dos Peraus. Nossos conflitos é não deixar a gente fazer algumas coisas que são direitos nossos, como a luz que nós só conseguimos agora. Pra entrar pessoas para nos visitar as famílias lá dentro, tem que pedir, tem que passar a placa do carro de fulano que vai entrar tal dia. Então isso é um conflito pra mim. **(Margarene Klipel, 67 anos).**



Fonte: Portão do Parque Nacional Aparados da Serra.

O Povo dos Peraus estão morrendo aos poucos, desde que foi criado o parque. Eles foram sufocando a gente, foram sufocando, sufocando assim, apertando. Porque, de repente, não ter aonde ir. Eu não aguento mais! **(Edira Klipel, 65 anos).**

"trocaram perau por canyon, trocaram a identidade, né?"

O território do Povo dos Peraus na verdade a gente sempre conheceu desde criança, os meus pais e meus avós falavam em Perau, né? Hoje eles chamam de canyon, que é um dizer que pertence para os Estados Unidos. É, parece que até mudaram o nome, ao meu ver, posso estar enganado, né? Mas mudar o nome significa tirar da gente o conhecimento do lugar onde trocaram perau por canyon, trocaram a identidade, né? **(Eraldo Klipel, 65 anos).**

O Povo dos Peraus são as pessoas que conviveram, os antigos, nossos pais conviveram aqui, moravam. Daí faleceram os antigo e vai ficando os mais novo, né? Então tão vivendo aí. E agora chegou o ICMBio, e quer tirá todo mundo daí, como fizeram pra mim, pra nós, para o meu marido, o Neri Dama. Tiraram nós daqui, bem de frente aqui desse salão. A gente tinha terra ali, e simplesmente chegaram, disse que tinha que sair porque ali era parque. E eles disseram que iam tirar **(Zenilda Nunes da Silveira, 62 anos).**

A gente tem muita coisa que a gente vai desistindo de fazer para não arrumar conflito com eles. Porque um negócio de lenha para o consumo, a gente corta uma árvore que seca uma árvore que cai. Mas é aquela coisa, parece assim que a gente está roubando de si próprio. Então, tu liga a motosserra para cortar um pau de lenha, tu já se lembra. Se chega um deles ali? Você tem que explicar e mostrar que é árvore seca, que você não tá destruindo. É o medo constante. E, é claro, a gente poderia se não fosse o conflito mesmo, faria mais alguma atividade, que a gente nem pensa nisso, porque a gente sabe. Não tem condições **(Aclênio José de Lima, 66 anos)**.

"O que tem preservado aí é que a gente preservou a vida inteira"

A nossa última esperança se nós não conseguir isso é o Termo de Compromisso. Não vai ser fácil a gente ficar, tipo por mais que a gente resista, mas daí eles pegam uma família e começam a pressionar. E vai que daqui a pouco aquela família cede e vai embora, e aí pega outra lá, noutra ponta e vão soltando. **(Aclênio José de Lima, 66 anos)**.

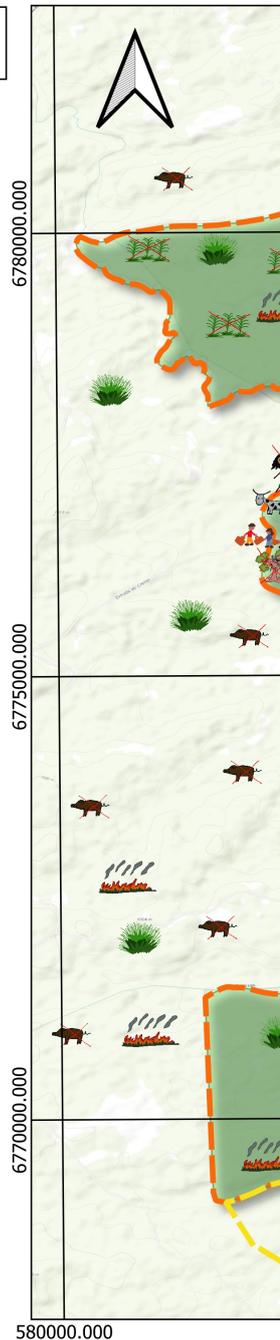
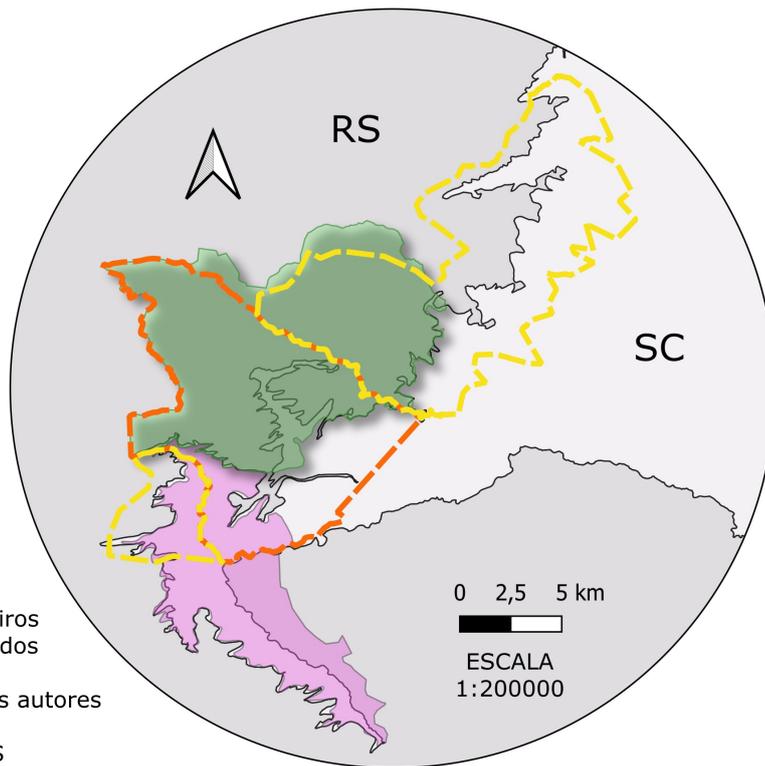
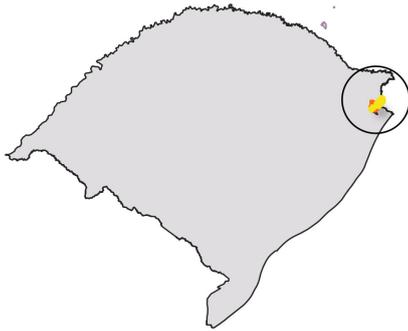
Nosso problema é que tudo o que a gente vai fazer é proibido. Não pode,

Fonte: Arquivo Povo dos Peraus. Multa aplicada pelo IBAMA - 18/09/1999.

eles multam. A gente tá aqui amarrado, não tem a liberdade de fazer aquilo necessário. Que a gente não faz nada pra destruir. O que tem preservado aí é que a gente preservou a vida inteira. Que os nossos pais já cuidavam e a gente continua cuidando da mesma forma. A gente não quer tirar uma licença pra sair derrubando árvore, mas pra fazer o básico pra sobreviver. Além, que de vez em quando a gente é pressionado pra entregar à terra. Daí vem, que em trinta e poucos dias têm que desocupar a terra, porquê vão desapropriar. Que nem aqui, um pedaço da minha terra, que tem a casa e a lavoura, queriam me tirar, a sete mil o hectare que queriam me oferecer. Se oferecesse R\$ 50 mil eu não venderia. Aí a gente tem que gastar com advogado **(Aclênio José de Lima, 66 anos)**.

Que gente teve aí sem ter um direito quase a nada. Tudo o que nós temo fazendo tá preservando a natureza. Se tem alguma coisa da natureza, foi o Povo dos Peraus que preservaram **(Ernande Matos Fernandes, 78 anos)**.

MAPA DO TERRITÓRIO TRADICIONAL DO POVO DOS PERAUS



Fonte dos dados

IBGE - Limites dos Estados Brasileiros
 INCRA - Acervo fundiário - Limites dos Quilombos de Santa Catarina
 Informações levantadas em campo pelos autores
 MAPA BASE: ESRI Topo (2024)
 DATUM: SIRGAS 2000 UTM 22S

Autores/ agentes de pesquisa

Eraldo Klipel, Maribel Edira Klipel da Silva, Aclênio José de Lima, Sirlene Klipel Fernandes, Antônio Jarbas Pereira, Margarene Klipel, Urquiza Tadeu de Oliveira, Aurélio Lima, Zenilda Nunes da Silveira, Ernande Matos Fernandes, Marli José de Lima, Jureni de Lima, Tania Fernandes Borges, Ana Caroline Klipel, Alessandra Klipel da Silva, Antônio Rodrigues da Silva, Adriano Prates, Alencar Borges, Julia Fernandes Prates, Neri Dama, Albertina Dama, Dalmei Lima, Loeni Borges Klipel, Abedilho Nunes, Abenor Nunes, Margarete Eroni Klipel Fernandes, Renato Nunes da Silva, Maria Zeli Rodrigues, Gilmar Borges, Angelino Martins, Dirceu Dama, Maria Jurema de Oliveira.

Realização e coordenação da cartografia social

Associação do Morro Agudo e Comissão do Povo dos Peraus

Coordenação técnica/ pedagógica

Roberto Martins de Souza,
 Letícia Ayumi Duarte e
 Marcelo Cunha Varella

Cartografia

Letícia Ayumi Duarte,
 Marcelo Cunha Varella e
 Roberto Martins de Souza

Parque Nacional Aparados da Serra

Parque Nacional Serra Geral

Território Povo dos Peraus

Território Quilombola São Roque (Pedra Branca)

Núcleos familiares de moradores

Famílias removidas pela pressão

Formas de organização e resistência

- Associação
- Turismo
- Comunidade Morro Agudo

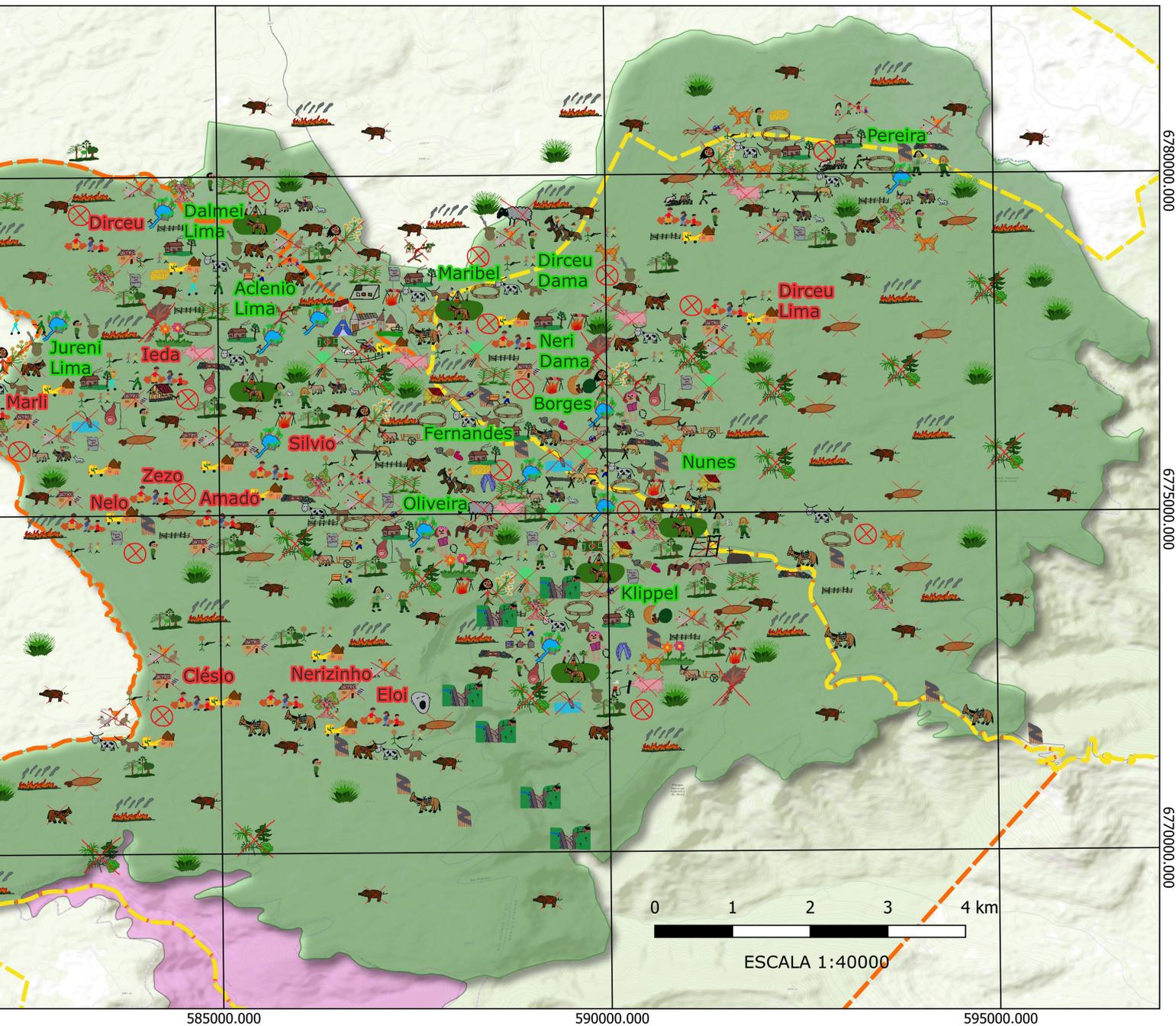
Espaços sociais/ ocupação do território

- Peraus
- Moradores
- Quintal
- Cemitério
- Caminho tropeiro
- Nascente
- Zona eleitoral

Práticas tradicionais

- | | |
|-------------------------|--------------|
| Lida campeira | Chimarrão |
| Queijo serrano | Apicultura |
| Festas tradicionais | Troveada |
| Campo nativo | Mangueira |
| Renovação do campo | Gado misto |
| Artesanato de lã | Benzimento |
| Pastel de pinhão | Carro de boi |
| Artesanato de couro | Doma |
| Conservação da natureza | Taipa |
| Carneação | Saleiro |
| Churrasco | Gritador |
| Alambrado | Bombacha |

LEG



LEGENDAS

Ameaça aos direitos coletivos e impedimento de práticas tradicionais

- | | |
|-----------------------------|---|
| Proibição de criar cachorro | Tentativa de se apossar do centro comunitário |
| Abandono de casa tombada | Proibição de abertura e conservação de trilhas |
| Proibição de juntar pinhão | Proibição de colheita de ervas medicinais nativas |
| Proibição de criar ovelha | Proibição de construção e reforma de casa |
| Proibição de criar porco | Falta de consulta do plano de manejo |
| Proibição de cavalgada | Proibição de colheita de barba de pau |
| Proibição de criar cavalo | Proibição de colheita de erva mate |
| Proibição de lavoura | Não reconhecimento da identidade |
| Proibição de pesca | Proibição de colheita de marcela |
| Cancha de laço | Proibição de juntar árvore seca |
| | Proibição de animais domésticos |

Formas de violência

- | | |
|----------------------------------|---------------------|
| Famílias retiradas do parque | Abuso de autoridade |
| Pressão para entregar as terras | Ameaça de despejo |
| Perseguição de alguns servidores | Portão trancado |
| Demolição de casas | Roubo de gado |
| Falsa indenização | Multa |

Outros conflitos

- | |
|-------------------------------------|
| Falta de controle de Javali |
| Proibição de fossa séptica |
| Destruição do campo de futebol |
| Proibição de manutenção de estradas |

Então, esse conflito, a cada vez que os órgãos competentes que iniciam lá, eu lembro do IBDF, depois, Ibama, hoje ICMBio. O Parque, criado aí há 60/62 anos, até hoje não foram indenizados conforme seu direito. Os que indenizaram foram valores completamente abaixo de mercado. Nós, como moradores daqui, conhecemos essas pessoas. Como o município é pequeno, estas pessoas, muitas delas faleceram na miséria, porque tiraram do seu território. E de uma certa forma, jogaram para qualquer lado. Muitas pessoas

entraram em depressão. Não conseguiram morar na cidade, por pequena que seja. Outros foram para a cidade grande em busca de oportunidades, daquilo que não conhecem, só conheciam plantando seu feijão, sua lavoura, o hortifrutigranjeiro, tirando o seu leitinho fazendo o queijo artesanal, queijo serrano, que hoje é reconhecido pelo próprio Ministério da Agricultura como um produto local, que é o que o Povo dos Peraus produz **(Aurélio Lima, 55 anos)**.

As formas de repressão e violência

Vivemos tortura (psicológica) e pressão pelos órgãos governamentais. A gente sente que está sendo vigiado 24 horas, na verdade **(Tania Fernandes Borges, 40 anos)**.

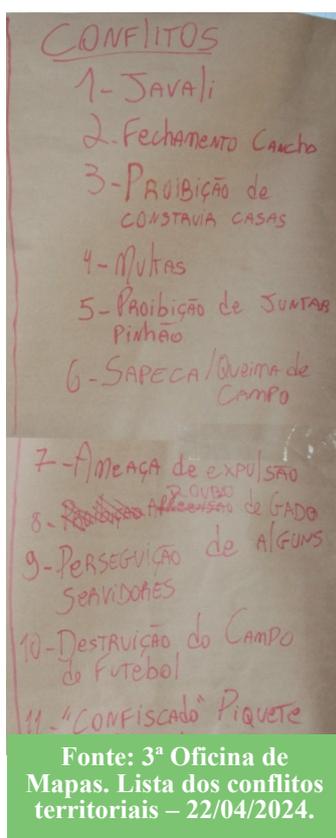
Primeiro chegou o chefe do parque lá em casa (...). Mas ele ia lá em casa, tomava café, tudo numa boa. Depois ele começou a falar para meu sobrinho que trabalhava no parque, que a propriedade melhor que tinha aqui era nossa. E de fato era nossa, porque agora tá, choveu, tá toda caída. Telhado deu uma chuva de pedra, tem limo dentro de casa, tá caindo os pau, caindo tudo as janela, tudo aberta, porta, entra gado sai gado, só faltou cair mesmo no chão (...). E ele disse assim, se vocês não saírem por bem, vocês vão sair por mal. Aí eu disse para o chefe do parque, que eu seria a última moradora a sair daqui, porque é uma história que nós temo aqui. Era dos avô do meu

"Vivemos tortura (psicológica) e pressão pelos órgãos governamentais"

marido, dos bisavô, depois foi dos pais dele, agora eu casei, vim embora pra cá. Fiquei quanto anos aqui. Mais de 32 anos estou aqui. É uma história que eu tenho aqui, da minha vida. Eu não tenho vontade de sair daqui, mas ele diz que se não sair por bem, vai sair por mal, por que tá na justiça. E a gente não esperava. Sem mais, sem menos, um dia ele chegou. Veio um oficial de justiça. E chegou lá pra nós e disse: "vocês tem 30 dias pra sair daí, porque agora tá na justiça e nós queremos esse terreno aí, porque isso aí vai ser parque". Nós ficamos um pouco, mais de 25 dias (...). Mas ele disse mesmo: "se não sair por bem, vai sair

por mal". Nós vamos trazer policiamento, vamos tirar as coisas de vocês, vamos botar pra rua (...). Meu marido ficou nervoso, só faltou dar um infarto, quase morreu. Ele tá doente até hoje **(Zenilda Nunes da Silveira, 62 anos)**.

Mas no final de 2022, eu recebo uma intimação no telefone, que eu era obrigado a entregar uma área onde pega minha parte da minha casa, dá 19 hectares numa matrícula. Pega as lavoura, a casa, tudo.... Alegando que a minha terra é improdutiva, que eu não faço cerca, que o meu gado está



invadindo parque. Sendo que inclusive esse limite do parque tem cerca e impede a parte que é o parque, faz divisa porque eu levanto a cerca. E eu sou um dos que nunca teve uma criação dentro do parque. Aí eu, o que que a gente tem que fazer? Tem que correr atrás de um advogado, gastar, ir até o advogado, tranquilizar e não pode ficar tranquilo, não vai ser retirado, aí a gente fica umas noites sem dormir. E é sempre aquele medo que a gente tem de 1 hora pra outra tu receber uma intimação (**Aclênio José de Lima, 66 anos**).

Aí um dia, rapaz, eu saio dali com os galhos dos pinheiro para queimar lá em casa. Na encruzilhada, aqui, daí os caras do ICMBio me pegaram pra me multar. Eu disse: gente esse galho de pinheiro tão apodrecendo, vocês vão me multar por causa desses galho de pinheiro aqui. E me multaram. Aí fiquei de fiel depositário dos galhos lá em casa. Passou 6, 8, 10 anos.

Quando vi me aparece um cara do ICMBIO, disse que veio aqui pra ver os galhos de pinheiro. Meu amigo, aquilo as formigas já comeram tudo, e tinha mesmo, já virou pó (**Jarbas Pereira, 72 anos**).



Fonte: Família Jureni. Pais, avó e filhas. - 1939.

Eu era pequena, eu era menina, era menina de 10 ou 12 anos. Então, o meu pai, ele adoeceu porque ele tinha medo que a gente fosse lá e tirar uma árvore verde. A gente já cresceu nesse clima de medo. Porque daí eles vão vir e vão nos multar e vão nos incomodar, porque vocês sabem que alguém sabe dar, então a gente já se criou ouvindo a polícia (**Edira Klipel, 65 anos**).

"gente esse galho de pinheiro tão apodrecendo, vocês vão me multar por causa desses galho de pinheiro aqui. E me multaram"

O IBDF, na época, mediu todo o Parque. Mediram da estrada para lá. Nós ficamos fora do Parque. E daí, o IBDF deu licença para cortar os pinheiros, ali, porque não era parque. E hoje eles vêm dizer que sempre

foi Parque. Vocês deram licença para cortar os pinheiros, mas não era Parque! É, não era Parque! Deram licença porque não era parque. Depois, num plano de manejo botaram para dentro da área de novo. E daí sempre foi Parque **(Aclênio José de Lima, 66 anos)**.

Mas nessa história dos pinheiros, quando começaram a cortar, que eles embargaram, o meu pai foi processado. Foi em 1975, foi processado, foi em São Francisco, lá no júri, lá daí, absolvido e tal. Depois, eles tiraram fora do Parque e deram licença para cortar porque não era Parque. E a gente vive naquele medo, é semelhante tu morar numa cidade, num lugar onde tem uma barra pesada, que não pode sair na rua porque tu tem medo de levar um tiro **(Aclênio José de Lima, 66 anos)**.



Fonte: Família Borges, churrasco na vala.

Nós ficamos em estado de depressão, coisa assim, porque não é fácil. Tomo medicamento até hoje. A gente se acorda de noite, acho que é depressão. Tive problema de coração. Tive bem mal. E a primeira vez faz uns 5 anos. Eu acho que depois que fui morar em Cambará. Fiquei bem ruim. O médico dizia que o coração velho ia apagar, mas não apagou. Mas tomo um monte de remédio. Quando eu saio, assim como hoje, eu trouxe pra

tomar ao meio-dia **(Jureni de Lima, 73 anos)**.



Fonte: Dona Maribel Klippel. Arando terra. Década de 1970.

Mas foi, muita gente vendeu as coisas. Tipo que a pressão foi tão grande, tão grande que tu não podia. Eu tenho um lote de gado, vamos dizer um campo desse gado. E eu vou tirar dele o leite para mim. Vou fazer o queijo, vou ter minhas lavouras de pasto, vou poder manter meu gado. E tem como eu ir viver quieto. Só que com o ICMBIO tu não pode queimar, aí a tua vaca não vai dar leite. Porque isso aí, se não queimar, não vai. Tu vai ficar fazendo o quê, onde tu não vai ter nem o teu leite próprio pra tu tomar. Que a essa macega ela é boa, tando novinha e arrumadinha. Ai tu vai viver como? O que que vai acontecer? Saem daqui, vamos dizer, vai para Caxias, o Jarbas com a família dele, quase que sem nada, porque teve que dar, bem dizer dado. Chegar lá tu não pode comprar uma casinha para tu entrar pra dentro. Leva teus filhos pra lá, tu não vai conseguir dar o estudo pra eles. Morei 10 anos em Caxias, quando eu tinha 17 anos, mas não passou um dia que eu não me lembrasse de voltar. Todo dia me lembrava. Até que um dia deu. E eu botei as malas, trabalhei 10 anos de empregado numa firma só. Todo

dia, todo dia me lembrava daqui, foi o dia mais feliz da minha vida quando voltei **(Jarbas Pereira, 72 anos)**.

"Nós ficamos em estado de depressão, coisa assim, porque não é fácil"

Geralmente é o que acontece. As pessoas vão resistindo. Mas vai para um ponto que a pessoa vai ficando mais velha e desanima. Para não se incomodar, entrega a terra pelo preço que eles querem para não se incomodar mais. Aconteceu, muita gente fez isso. Muita gente é a maioria que fez isso foi para não se incomodar **(Aclênio José de Lima, 66 anos)**.

Até uma vez eu pedi, falei para o chefe do parque, e disse, a gente está querendo pedir a ligação da energia: tu acha que a gente deve pedir? Na minha cara, ele disse: mas claro, vocês têm que fazer isso, tem que pedir. Daí fazia o pedido, quando chegava na portaria não deixava a empresa entrar. Então, ele dizia que se entrar na justiça, o juiz pode assinar a nosso favor, e mesmo assim, ele verbalmente negava **(Edira Klipel, 65 anos)**.

Eu acho que seria muito interessante fazer o que a minha avó faz. Eu acho que a minha avó ela é muito lutadora, sabe? Ela consegue lutar muito contra o ICMBio, por exemplo, a URBIA tudo mais. Acho que eu deveria, tipo, meio que fazer, começar a lutar também junto com a minha avó **(Ana Caroline, 12 anos)**.

Nós temos praticamente uma prisão,

né? Porque se você é dono e não tem autoridade de fazer nada sem ter ordem de alguém, tu tá numa prisão! Tu tem que cumprir ordens ó. Vocês ficaram parado, se eu não venho, vocês têm que esperar até lá chegar os funcionários da URBIA para vocês saírem. A nossa estrada é uma vergonha, aquilo lá, nem é estrada. E o prefeito já sem vontade de fazer, daí bota a culpa no ICMBio. Também atrapalha, mas eu considero nós, praticamente quase numa prisão **(Eraldo Klipel, 65 anos)**.

Que nem eu. Quantas vezes eu já fui multado? Foi para justiça. Então me prejudica aonde se eu for fazer um negócio no banco, eu não posso fazer porque meu nome está lá, CPF lá travado. E quantos que eles prejudicaram isso? É, mas foi toda a vida. E a última, foi agora em setembro do ano passado (2023) que eles levaram o gado (...) Aquele dia que eu vim na reunião, eu fui ali no ICMBio para falar com eles, para ver se ele entregava nosso gado de volta. Aí eu falei das multas, e ele disse: é que nem aquela que eu fiz pro teu irmão lá. Então, a gente fica sentido de ver a maldade da pessoa. O outro, meu irmão, que tinha esse campo que eu tenho arrendado, que foi onde eles foram pegar o gado. Ele foi lá e pediu para os empregados pegarem 4 pauzinhos e botar num passador que vai daqui. Nós chamamos de passador, outros chamam de balancinho. O ICMBio foi lá e multou ele, naquele tempo, em R\$ 17.000,00. Maldade eu acho que esse homem ele não tem nada, e não quer que os outros tenham. É que já foi tirado 3 vezes dali **(Jarbas Pereira, 72 anos)**.

A humilhação que veio para mim, foi o dia que prenderam o meu gado. A humilhação que eu sentia de eu chegar e o cara, brigadiano da Federal, perguntou se eu era o seu Jarbas: sou o Seu Jarbas sim. Daí tudo bem? Não, não está tudo bem. Vocês invadiram a minha propriedade. Ele disse: você cala a boca que o senhor vai preso. Tava uns 8 a 10 brigadiano. E mais uns 2 do ICMBio. E falaram: nós fazemos o que nós queremos. Infelizmente, a gente é considerado que nem bandido, né? **(Jarbas Pereira, 72 anos).**

"A humilhação que veio para mim, foi o dia que prenderam o meu gado"

Eu gostaria sabe o quê? Que os caras do ICMBio fosse que nem o Fábio e o Paulinho. Chegar lá na porta da minha casa e, chegar, e entrar dentro da minha casa e conversar e ver o que que tem que fazer, o que que pode ser feito, como é que podemos fazer. Porque esses que tão aí, não tem esse tipo de coisa. Isso aí já é um tipo de gente que ninguém gosta mais deles por maldade deles **(Jarbas Pereira, 72 anos).**

E a gente saiu dali porque foi obrigado mesmo, né? Porque a gente não podia fazer mais nada. Tudo que fazia eles é que tinham que determinar o que é que a gente podia fazer, né? Não podia tirar uma lenha, não podia plantar uma lavoura sem autorização deles, arrumar uma cerca, uma coisa assim que tá cuidando deles, porque se a gente cortasse uma madeira era

multado. Então isso foi assim? É como é que vou dizer assim, foi sufocando. Nós botemo a rede elétrica lá, fomos multados com R\$ 10.000,00, em 1999. Mas depois já me multaram com R\$ 30.000,00 porque diz que queimou 3 ha. Eles calcularam 3. Mas era campo, nem foi nós que queimamo, nunca comprovaram que foi nós, pois é comum os carro que passam na estrada queimar, na berada da estrada **(Marli José Diniz, 79 anos).**

Não, se não fosse pela pressão nós não saía dali. Porque nós fomos criado e, a gente gostava e gosta dali, está ali mesmo. Como eu nasci e me criei ali, sai agora pra Cambará faz 4 anos. Vivi a minha vida ali dentro. Daí eles também mandaram tirar o gado. Que depois que eles desapropriaram nós podia ficar morando ali, mas aí a chefe do parque não queria o gado. Então o que é que nós ia fica fazendo ali? Nunca deixaram a gente reformar a casa. E estava caindo tudo, não é? Não tinha jeito de continuar. Nunca deixaram. O Dionir mandou, fez assim. Se eu arrumasse um documento, levasse a escritura se eu quisesse reformar a casa. Quando o IBAMA desapropriasse ou fazia a doação para o Ibama ou tirava a casa. Daí eu disse não. Daí quando ele saiu eu disse que ia começar a derrubar a casa. Aí ele disse, não mexa porque nos multemo e embarguemo. Mas nunca deram resposta e a casa foi decaindo **(Jureni de Lima, 73 anos).**

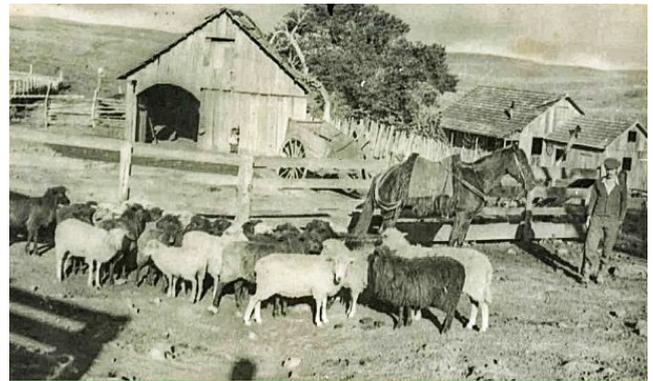
"se não fosse pela pressão nós não saía dali"

O Manejo Tradicional do Gado nos Territórios

Porque assim, ó! O que eu quero te dizer, que quando não é feito a sapeca, vira tudo naquele vassoral ali, ó! E daí assim, ó! A grama vai crescer, vai ficar seca dessa altura. Daí vai só criar vassoura. Ali eu acho que não se cria nem cobra. A gente tem que agradecer esses anos todos que teve a sapeca, que não ocorreu incêndio **(Edira Klipel, 65 anos)**.

Mas assim como eu te digo, antigamente, quando era feita a queima do campo todo o ano, porque daí era assim, era todo o ano no mês de agosto. Era feita sapeca nesse mês e cada um queimava o seu com a sua parte. Não ocorria esse problema, pois aqui é muito úmido, né? Tem muita cerração, muita garoa. Então pra queimar o mato precisa dar uma seca muito grande, muito forte. Bom, porque assim, daí vem o inverno. Bem, assim começa a geada final de março, abril, maio, junho, julho é o mês da geada, né? Não que depois não dê a geada, tá? Mas daí seca bem o campo e a hora de queimar em agosto. Daí vem. Então, daí já tem uma pastagem nova. Fica lindo **(Edira Klipel, 65 anos)**.

Hoje quem mora fora dos Parque, eles estão produzindo muito gado, fazem lavouras, né? Aí muda a realidade, não é? E nós, não. Nós temos que ser só com o campo natural. Não sabemos se a sapeca vai ser liberada. Além do que nós temos proibidos de fazer lavoura, né? Daí já é a diferença maior, sim **(Eraldo Klippel, 65 anos)**.



Fonte: Ernande Fernandes - criação de ovelhas, raça predominante crioula.

Na lida campeira, que nem quando chega o inverno, tem que andar sempre bem agasalhado, que tem a neve. Hoje não é assim. Eu conheci neve aqui assim de quebrar galho de pinheiro. E aqui é muito frio, isso aqui é muito frio. E Cambará é ali ó! Mas a diferença é tão grande que não imagina. Outra coisa. Isso aqui é um lugar muito chovedor. Essa beira de Serra aqui é muito chovedor o que só pode ver uma coisa, as águas que nós temos no Rio Grande do Sul, que é onde nasce os rios, as coisas nasce tudo aqui ó! Desce tudo daqui e chega no Jacuí **(Jarbas Pereira, 72 anos)**.



Fonte: Abenor e Abedílio Nunes - Lida com o gado - 2023

A lida campeira diferencia, diferencia porque é mais rigoroso. É a única coisa que muda pra gente. Por exemplo, nós hoje, hoje já não é tanto assim. O dia que for pra tu ir lá em casa vai ver, que chegou depois do meio-dia, no verão, fecha de cerração. Então tu tem que ir de manhã, tu tem que ir no campo, porquê de tarde tu não vai poder ir, se fechar. Pra criar é pior. Uma das coisas, pouca luminosidade do Sol. Outra, anoitece mais cedo porque ele vai encher de cerração, vai encher de nuvem e vai. E isso acontece até aqui no Aurélio. Do Aurélio para lá já não dá quase nada disso. É vai até ali, da beira do perau, até ali e depois dali para frente. Às vezes o tempo está bem bom e vai até ali. E outra coisa, a terra é mais fraca. O pasto é mais fraco porque é muito perto da pedra. Aonde foi comprado terra aqui para plantar pinus, não deu porque está perto da pedra, entendeu? Muita pedra. No campo falta alguma coisa que a terra não tem, que muita criação, às vezes, elas ficam defeituosas nas mãos. Eu acho que a descalcificação dos ossos, porque o campo é fraco **(Jarbas Pereira, 72 anos)**.

Isso aqui, isso aqui Deus já fez para ser isso que está aqui. Deus fez para ser queimado, claro a gente diz queimar campo, mas não é queimar, é sapecar o campo. Queimar é quando tu termina com aquilo que foi queimar e não vai existir mais, né? Aqui não, a sapeca deixa tudo verdinho e a gente faz de forma controlada. Só que a nossa terra é difícil de se fazer a limpeza, com a roçada, porque é muita pedra. Tu bota um trator com a roçadeira arrebenta com tudo, não tem como. Assim, a melhor maneira de

limpar o campo é fazer a sapecada. Limpa tudo essas vassoura e elas vão brotar de novo. Mas essa parte adulta que ela tá ali, ela queima e cai tudo aquela galhadeira, daí vai levantar, vai vim a brotação da raiz de novo. Se não sapecar essa macega cresce e vira um combustível, e se cai um raio, então, daí é incêndio mesmo. Pensa comigo. Quando não tem gado em cima, porque se não botar o gado para comer, pelo menos ele não vai levantar. Faz que nem o Ibama quer fazer ali, ó, olha ali, como é que tá, ó! E não foi queimado. Olha como é que tá, mas ainda tem gado em cima, tem uns cavalos em cima que está pastando. Mas deixa ele levantar mais 1 ano, mais 2 anos, para tu ver uma coisa. Aí está dessa altura. Só que isso aqui é uma região que chove muito. Ele não vai dar um calor muito grande no fogo, porque ali ele segura um pouco de umidade sempre, né. Mas se é um lugar seco, vai queimar tudo **(Jarbas Pereira, 72 anos)**.



Fonte: Arquivo família Fernandes, criação de gado na manguera.

A cartografia pode nos ajudar sim. Porque ali vocês vão relatar aquilo que nós temos dentro de nós. Não dissemos nada para ninguém porque não temos pra quem dizer. Hoje tem, tão ali, tem para quem dizer, mas antes não tinha para quem dizer nada, vai dizer para quem? Sempre fomos abandonados, né? Nós não sabíamos nossos direitos. Estamos sabendo agora! **(Jarbas Pereira, 72 anos)**.

Nossas Conquistas e Desafios

Meu desejo é que o Ibama (ICMBio) respeite a gente como ser humano. Eles vêm trabalhar no parque, que precisam de trabalhar. Mas tem em nós como um amigo, não como inimigo. E, eles nos tratam como inimigo, um invasor que a gente está destruindo tudo. A gente quer ter paz para continuar fazendo o que sempre fizemos. Tranquilidade, mas deitar na cama e acordar sabendo que amanhã a gente vai ter um dia tranquilo, não vai ter incomodação com ele **(Aclênio José de Lima, 66 anos)**.

Mas assim, foi no passo a passo, foi uma vitória, entende? Foi conseguir reunir esse povo. Indo na câmara de e vereadores. Foi conseguindo uma reunião aqui, outra reunião ali. É o passo a passo que a gente está conseguindo e andando, conseguindo aos poucos, mas conseguindo e fazendo com que a nossa história d Povo dos Peraus, hoje, já tá avançada e muita gente conhecendo. Isso é uma grande conquista, porque até então, nós tava assim, sufocado. Só faltava jogar a terra em cima para dizer, morreram **(Edira Klipel, 65 anos)**.

Qual a importância da Cartografia Social?

Eu entendo que a gente, eu tive o primário, que já faz um par de anos. Eu entendo que a cartografia é uma espécie de um registro do quem que nós somos. Porque antes, ah, nós somos Povo dos Peraus. Daí tem perau aqui, tem na Fortaleza, tem no Malacar, né? Vou saber onde é que é. Agora nós estamos demarcando, é Povo dos Peraus que tá aí. Vai ficar registrado, a gente vai ter aquela certidão de nascimento do Povo dos Peraus. E a gente pode mostrar hoje que é o Povo dos Peraus, eu quero meus direitos. Eu tenho meus direitos sobre isso e aquilo. E uma coisa eu garanto que a gente vai respeitar, todas as normas do parque, a gente sempre respeitou **(Aclênio José de Lima, 66 anos)**.

A cartografia ajuda muito nós. E daí nós começamos a voltar a ter poder. Hoje eles já estão nos respeitando mais, antes era bem pior. Aí, por isso

que eu acho que nós temos a chance de ficar morando em cima do que é nosso, né? Não ser tomado, que nem teve um ex-diretor que ainda continua aí perseguindo nós (...) Porque nós ia ser despejado. Era pra usar força contra nós. Então, o que é que o senhor sente sendo dono e ser despejado de sua própria casa? **(Eraldo Klippel, 65 anos)**.

Eu não sabia que existia a cartografia, né? Mas se é mais um documento para nos ajudar, eu abraço com tudo. Fazer isso seria um passo à frente. Porque muita coisa que a gente falou ali estava no esquecimento. Entende? Isso aí fez a gente lembrar de coisas que fazia muito tempo que a gente não lembrava. E assim, ó, na realidade, não conheço muito o que é bom, que não é, porque a gente nunca teve oportunidade **(Edira Klippel, 65 anos)**.



Povo dos Peraus e apoiadores em oficina de cartografia social - 2024

Fortalecer relações entre comunidades tradicionais e instituições de apoio para afirmação de seus modos de vida, através de registros de suas formas tradicionais de uso dos recursos naturais e da comprovação da presença ancestral da comunidade no território, contribui para a preservação de ecossistemas e desafia a lógica racista do Estado que nega o modo de vida tradicional. Apoiar o retorno e a preservação das práticas ancestrais é apoiar uma ação concreta de conservação da natureza e de mitigação da emergência climática. **(Fundação Luterana de Diaconia - FLD)**

A construção deste Boletim Informativo foi um aprendizado e uma ação prática de interculturalidade, trocando experiências entre diferentes povos para encontrar formas de resistir as violações de direitos praticadas pelo Estado a partir da criação da unidade de conservação Parque Nacional Aparados da Serra. A cartografia social elaborada pelo Povo dos Peraus reafirma suas raízes e salvaguarda o seu conhecimento, protegendo - como um escudo - sua cultura, seu território tradicional e seu sagrado. É algo histórico que ficará escrito e desenhado para as futuras gerações. Re-existimos junto ao Povo dos Peraus **(Comitê dos Povos e Comunidades Tradicionais do Pampa)**

Este boletim é uma ferramenta poderosa de valorização da identidade coletiva do Povo dos Peraus e busca dar visibilidade a suas formas de resistência frente às opressões e ameaças sistemáticas de despejo impostas pelo Estado. O trabalho de cartografia social aqui apresentado representa uma plataforma para que as vozes do Povo dos Peraus sejam ouvidas e possam seguir lutando, sempre lutando, pela defesa e valorização do território que pulsa, vive e resiste em cada um dos homens e mulheres **(Márcio Zamboni Neske. Professor da Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (UERGS)).**

Quando o grupo de Famílias, que se autodenomina "Povo dos Peraus", demandou à EMATER apoio para a busca do reconhecimento da sua tradicionalidade, por entendermos ser as características históricas e inerentes do modo de vida das comunidades e município, nos dispomos à auxiliar de acordo com nossas possibilidades. Os conceitos apresentados pelo SNUC de certa forma e empiricamente já eram e continuam sendo utilizados pelas famílias tradicionais que habitam, se reconhecem e se autodenominam Povo dos Peraus, desde antes da criação dos Parques Nacionais de Aparados e Serra Geral. As Famílias Tradicionais Povo dos Peraus além de contribuir para a guarda daquele ambiente, originaram a adaptação de manejos produtivos, hábitos e costumes específicos e característicos daquela região. Como por exemplo, a maneira de criar o gado e as formas de cultivos para subsistência nas propriedades **(Neimar Fonseca e Silva Emater-RS/ASCAR – Cambará do Sul)**

Realização:

Comissão do
Povo dos
Peraus

Associação do
Morro Agudo/
Morro Grande

Apoio:

